

ESPAÇO PROJETO



MUSEU
CALOUSTE GULBENKIAN

PROJECT SPACE

**MANON DE BOER
DOWNTIME /
TEMPO DE RESPIRAÇÃO**

**Museu Calouste Gulbenkian
Espaço Projeto
31 de janeiro de 2020 a 13 de abril de 2020**

Calouste Gulbenkian Museum
Project Space
31 January 2020 to 13 April 2020

EXPOSIÇÃO EXHIBITION

curadoria curators
Susana Gomes da Silva
Rita Fabiana

arquitetura e coordenação técnica
architecture and technical coordination
Rita Albergaria
com a colaboração de | with the assistance of
Sofia Mendes

registrar
Miguel Fumega
Rita Rebelo de Andrade

equipa de montagem construction crew
Rui Nunes
Joana Correia

projeto gráfico graphic project
Dayana Lucas

instalação gráfica graphic installation
Paulo Santos

serviços centrais
central services department

audiovisuais audiovisual material
João Hora
José Gouveia
Pedro Antunes
João Hipólito
Ricardo Silva

luminotecnia lighting
Manuel Mileu

marketing e transformação digital
marketing and digital transformation
Nuno Prego
Susana Prudêncio

comunicação communication
Elisabete Caramelo
Luís Proença
Leonor Vaz

PUBLICAÇÃO PUBLICATION

coordenação editorial
editorial coordination
Carla Paulino
Ana Teresa Santos

textos texts
Rita Fabiana
Susana Gomes da Silva

tradução translation
Kennistranslations

revisão (versão portuguesa)
proofreading (portuguese version)
António Alves Martins

design gráfico graphic design
Dayana Lucas

impressão printing
Empresa Diário do Porto, Lda.

depósito legal legal depot
466747/20

ISBN
978-989-8758-73-6

GULBENKIAN.PT

© Fundação Calouste Gulbenkian, janeiro 2020
© Calouste Gulbenkian Foundation, January 2020

ESPAÇO PROJETO

MANON DE BOER



MUSEU
CALOUSTE GULBENKIAN

PROJECT SPACE

DOWNTIME
RESPIRAÇÃO



The Untroubled Mind
16 mm transferido para digital, cor, 4:3, mudo, 2016, 7'45"
16 mm transferred to digital, colour, 4:3, silent, 2016, 7'45"
Cortesia | Courtesy Jan Mot, Brussels

TEMPO SUSPENSO, TEMPO LIBERTO

Rita Fabiana

A experiência do tempo perpassa o trabalho de Manon de Boer, um tempo que é anterior à realização das obras, que se materializa nestas e se prolonga na nossa relação com as imagens. Na prática artística de Manon, esta é uma experiência do tempo alargada e profundamente ancorada nas próprias condições da criação, que produz incessantemente *presente* e *presença* e resiste a uma conceção normativa, funcionalizada e produtiva do tempo, que se impôs em todas as esferas da vida – um tempo totalizante, regido pelo trabalho e pela produção de valor. Uma das questões presentes em muitas das obras de Manon passa por interrogar a possibilidade e a necessidade de se pensar e conceber a criatividade – o momento e o gesto criativo – fora das estruturas formais e temporais impostas ao trabalho como resultado. Manon indaga esta possibilidade de interrupção do tempo normativo e procura ainda dar resposta – ou dar imagem – ao momento em que a criatividade irrompe e se manifesta, num tempo suspenso e liberto, em que o nada se pode tornar alguma coisa, qualquer coisa; um estado frágil de passagem fundado na descontinuidade e no fragmento, que afirma ou recupera a radicalidade do aborrecimento e a urgência do ócio.

O tempo da criação – ou a afirmação de um outro tempo como condição de criação – seria aqui pensado e experimentado enquanto matéria plástica, orgânica, instável, um estado de *rêverie* marcado pelo aleatório, em aberto e liberto dos constrangimentos da finalidade. Ver ou estar com os trabalhos de Manon pede e impele uma relação nossa com o tempo que passa, enquanto duração, tornando necessariamente presente e consciente um tempo interno, de uma vulnerabilidade *desarmada*, que os ponteiros do relógio não ritmam. Uma suspensão do tempo ou a emergência de um tempo-potência que é aqui também o da nossa relação poética e descomprometida com as imagens, quer as imagens que vemos (que nos são dadas pelas obras), quer as imagens que produzimos interiormente, ancoradas nas memórias vividas e fantasiadas. Sem distinção.

Manon propõe, nos seus trabalhos – seja pela captação de uma ação já realizada ou de uma ação que se manifesta em tempo real face à câmara –, um acontecimento que funda pontes entre o dentro

SUSPENDED TIME, FREE TIME

The experience of time pervades the work of Manon de Boer: an extended experience of time, firmly anchored in the conditions for creation, incessantly producing a *present* and a *presence* and resisting a normative, functional and productive concept of time, an all-encompassing time, governed by work and the production of value. Manon investigates this possibility of interrupting normative time and seeks to give an answer – or an image – to the moment at which creativity becomes manifest; a suspended, free time, in which nothing can be turned into something, into anything; a fragile state of passage based on discontinuity and fragmentation, which affirms or recovers the radical nature of boredom and the urgency of leisure.

The time of creation – or the affirmation of another sense of time as a condition of creation – would here be conceived and experienced as a plastic, organic, unstable material, a state of reverie marked by the random, open and free from the limitations of purpose. Seeing or being with Manon's works requires a relationship with the passing time, making necessarily present and conscious an internal time, an *unarmed* vulnerability, of which the hands of the clock do not mark the rhythm. A suspension of time (or the emergence of a time-potency) which, here too, is related to poetic and uncommitted relationship with the images, both the images we see (which are presented to us by the works) and the images we produce inside ourselves, anchored in the memories of experiences and fantasies, without distinction.

In her works – whether through capturing an action already carried out, or an action that manifests itself in real time in front of the camera – Manon proposes a moment that establishes a bridge between the inside and the outside, between the interior (the unconscious, internal rhythm of the body, the inhabited spaces) and the exterior (the conscious, outside the body, or outside the architectural structures that shelter us).

e o fora, entre o interior (o inconsciente, o ritmo interno do corpo, os espaços habitados onde se encontram os corpos¹) e o exterior (o consciente, o para lá do corpo, o para lá das construções arquitetônicas que nos abrigam, o lá fora das cidades e das paisagens naturais).

Em 2016, com o filme *An Experiment in Leisure* (2016–2019), Manon realiza uma obra-ensaio sobre a experiência do ócio, o tempo do nada. A câmara fixa uma paisagem costeira da Noruega, uma paisagem deserta só atravessada pelo tempo que passa, perceptível pela variabilidade atmosférica e pela respiração dos elementos: o som do vento e da neve que cai, os gritos dos pássaros que não vemos. E nós vemos o mesmo na repetição, na interrupção, colocando-nos, espectadores, face à duração longa das imagens, face à nossa própria capacidade de concentração e de entrega. Irrrompem por vezes vozes que dão fala a um ensaio da artista e psicanalista Marion Milner sobre o ócio (o nada) enquanto ato libertador.

Data também de 2016 o filme *The Untroubled Mind*, que a exposição coloca lado a lado com a trilogia *From Nothing to Something to Something Else*, como se Manon quisesse ancorar aqui o primeiro gesto na busca desse momento/tempo em que do nada algo acontece, como se aqui o nada já estivesse cheio de alguma coisa. Mas em *The Untroubled Mind* irrompe também o tempo da infância que na trilogia se prolonga até à adolescência. A infância e a adolescência marcam uma temporalidade do desenvolvimento psíquico e corporal humano que é anterior ao tempo regulado e *externalizado* da idade adulta, subordinado ao trabalho pontuado pelo ritmo exato do relógio e pelo calendário, mas também pela organização hierárquica da escrita, aprendidos e interiorizados na escola. O título da obra é dado por um excerto do livro *Painting, Writings, Remembrances*, de Agnes Martin, no qual a artista discorre sobre a inspiração e a sua relação com um estado da mente calmo e despreocupado, identificando a infância como um tempo em que a tranquilidade e o desenvolvimento da sensibilidade, e, como consequência, da inspiração, estão mais presentes. O filme mostra uma série de jogos de construção – como esculturas ou desenhos de formas e cores no espaço interior da casa – realizada pelo filho da artista, que justapõe, sobrepõe e atravessa objetos. Estas construções formam estruturas variáveis, repetidas, inesperadas, que testam e ensaiam composições e equilíbrios, que a câmara fixa regista, fixando igualmente o tempo fugidio (e perdido) da infância². O fazer do filme, como o fazer das construções, segue despreocupado, e com tempo, o inventário destas formas que habitam transitoriamente o espaço da casa.

In 2016, in the film *An Experiment in Leisure* (2016–19), Manon created a work-essay on the experience of leisure, or nothing-time. The camera focuses on a Norwegian coastal landscape, a deserted scene crossed only by passing time, perceptible in the atmospheric variations and the breathing of the elements: the sound of the wind and the snow falling, the cries of birds out of shot. And we see the same in the repetition, the interruption, which places us, as spectators, face-to-face with the long duration of the images, facing our own capacity for concentration and commitment. At times, voices interrupt to read lines of an essay by the artist and psychoanalyst Marion Milner about leisure (nothing) as an act of 'freeing'.

Also dating from 2016, the film *The Untroubled Mind* is placed side-by-side in the exhibition with the trilogy *From Nothing to Something to Something Else*, as if Manon here wanted to anchor her first gesture in the search for that moment/time in which, from nothing, something happens, as if here nothing were already infused with something. The time of childhood also comes up in *The Untroubled Mind*, extended in the trilogy to adolescence. Childhood and adolescence mark a time of psychic and bodily development that comes before the regulated and *externalised* time of the adulthood, subordinated by work, punctuated by the precise rhythm of the clock and the calendar, but also by the hierarchical organisation of writing, learnt and internalised at school. The title of the work comes from an excerpt of the book *Painting, Writings, Remembrances*, by Agnes Martin, in which the artist ponders inspiration and its relationship with a calm, unworried state of mind, identifying childhood as a time when tranquillity and the development of sensitivity and, as a result, of inspiration, are more present. The film shows a series of construction games – as sculptures or drawings of shapes and colours in the interior space of the house – created by the artist's son, who juxtaposes, superimposes and crosses objects over. These constructions form variable, repeated, unexpected structures, that test and trial compositions and equilibriums, recorded by the fixed camera, while also focusing on the elusive time of childhood, a *lost time*.² The making of the film, like the making of the constructions, carries on unconcernedly (and with time) the inventory of these forms that fleetingly inhabit the space of the house.

Na trilogia *From Nothing to Something to Something Else* (partes 1, 2 e 3), entram em cena os corpos num espaço interior, vislumbrando-se sempre um «lá fora»: uma paisagem marítima na Cornualha, as cidades de Lisboa e de Bruxelas. Em cada um dos momentos da trilogia, Manon convoca adolescentes para um jogo de (des) construção e descoberta interna, propondo exercícios improvisados onde se testam as possibilidades da criatividade no contexto informal da criação de sons com instrumentos musicais (*Bella, Maia and Nick*, 2018), de criação de movimentos com ligações à dança (*Caco, João, Mava and Rebecca*, 2019), ou num contexto desconstruído de improvisação de «qualquer coisa» a partir da relação de uma adolescente com objetos e com o espaço (*Oumi*, 2019). Estar e permanecer num lugar, num tempo aberto e sem orientações e expectativas evidenciadas, provoca nestes «ensaios» um quase dissolver dos corpos no espaço – deitados, encostados, sentados –, colocando em contacto a maior das superfícies do corpo com a superfície do chão e com as paredes, sobretudo nas segunda e terceira partes da trilogia. E os corpos respiram, fazem-se ouvir a partir de dentro, sem palavras, sem outra narrativa que a sua própria existência e presença naqueles lugares, no mundo. São oito retratos de adolescentes num tempo também ele fugidio, que a câmara revela e fixa. Há algo de minimal, de redução à presença e à potência, um quase antes da ação e a ação que se manifesta finalmente, no intervalo entre os tempos de descanso e de inação.

In the trilogy *From Nothing to Something to Something Else* (parts 1, 2 and 3), the bodies appear in an indoor space, always with a glimpse of 'the outside': a seaside landscape in Cornwall, the cities of Lisbon and Brussels. In each moment of the trilogy, Manon invites teenagers to a game of internal (de)construction and discovery, proposing improvised exercises in which they test the possibilities of creativity in the informal context of the creation of sounds with musical instruments (*Bella, Maia and Nick*, 2018), the creation of movements linked to dance (*Caco, João, Mava and Rebecca*, 2019), and the deconstructed context of improvisation of 'anything' based on the relationship of a teenager with objects and space (*Oumi*, 2019). Being and staying in a place, in a time that is free from direction or obvious expectation, brings about in these 'essays' a near dissolving of the bodies in that space – lying, leaning, sitting – with the surface of the body coming into contact with the surface of the floor and with the walls, particularly in the second and third parts of the trilogy. And the bodies breathe, they makes themselves heard from inside, without words, with no other narrative than their own existence in those places, in the world. These are eight portraits of teenagers in a time that is also elusive, revealed and fixed by the camera. There is something minimal, a reduction of presence and potency, almost a 'before' the action followed by the action that finally takes place, in the interval between times of rest and inaction.

¹– No ensaio *Um Quarto Só para Si* (1929), a escritora Virginia Woolf colocava como condição da criação literária – e aqui a das mulheres escritoras – a existência de um espaço/tempo de reflexão interior (dentro) e interno, que estabeleceria um intervalo ou uma pausa na nossa relação normativa com os outros e com o mundo, que favoreceria a concentração e a criatividade, um espaço e um tempo que tinham sido negados às mulheres.

²– Ver *Em Busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust.

¹– In the essay *A Room of One's Own* (1929), the writer Virginia Woolf set out as a condition for literary creation – specifically that of women writers – the existence of a space/time for interior reflection, a condition which would constitute an interval or a pause in our normative relationship with others and with the world, and which would enhance concentration and creativity, a space and a time that had been denied to women.

²– See *In Search of Lost Time* by Marcel Proust.



Bella, Maia and Nick
Video HD, cor, 16:9, sem diálogo, Grã-Bretanha/Bélgica, 2018, 26'
HD video, colour, 16:9, no dialogue, GB/BE, 2018, 26'
Cortesia | Courtesy Jan Mot, Brussels

RESPIRAÇÃO E CRIATIVIDADE

Susana Gomes da Silva

O processo criativo exige tempo, respiração, suspensão de julgamento. É feito de tentativas e de abandonos, de energias que ora se concentram ora se dispersam, num exercício de liberdade e de experimentação permanente.

É difícil documentar este processo, condenados que estamos a ver e a experienciar apenas os seus resultados, as suas materializações, o lado visível, audível, palpável da sua manifestação. E, no entanto, aquilo que ele tem de mais fascinante é justamente essa transformação invisível que acontece no interior, esse tempo interno da decisão consciente e não consciente, da persistência e do abandono... Um tempo do jogo e de todos os caminhos que por vezes não chegam a ser mais do que possibilidades.

O trabalho de Manon de Boer, mais especificamente a trilogia *From Nothing to Something to Something Else*, fala-nos deste espaço-tempo da possibilidade, esse intervalo entre o antes, o nada, e o «alguma coisa». Mostra-nos jovens adolescentes profundamente envolvidos no preciso momento do fazer acontecer tudo e quase nada – pequenos gestos, sons, explorações –, usando apenas o espaço, a vontade, o corpo e os instrumentos ou objetos à sua volta.

Manon contribui para este processo com uma lente poética e intrinsecamente honesta (porque fiel à verdade do momento filmado), que devolve aos protagonistas um retrato respeitoso dos seus espaços e tempos de respiração criativa e talvez isso explique de que forma estes corpos em *performance* se conseguem abstrair da câmara e encontrar uma maneira muito própria de respirar, de se revelarem e, ainda assim, de resistirem.

Quando conheci a Manon de Boer e me preparei para com ela procurar os jovens portugueses que permitiriam realizar o segundo filme da trilogia que agora se completa, não sabia exatamente o que procurávamos. O desafio era simultaneamente simples e complexo: escolher jovens adolescentes para um exercício de improvisação e exploração, entre a música, o movimento e a dança, com o objetivo de realizar um filme sobre os processos de criação. Era também a primeira vez que a equipa educativa do Museu Calouste Gulbenkian coproduzia um projeto artístico com as equipas de programação

BREATHING AND CREATIVITY

The creative process requires time, breathing and a suspension of judgement. It happens through trial and error, energies that converge and disperse, in an exercise of freedom and endless experimentation.

It is difficult to document this process, as we are limited to only seeing and experiencing the result, the materialisation, the visible, audible, tangible side of its expression. Yet the most awe-inspiring factor in it is precisely that invisible transformation that takes place inside, the time of conscious and unconscious decision, of persistence and abandonment... A time for play and exploring all the paths that may turn out to be nothing more than possibilities.

Manon de Boer's work, more specifically the trilogy *From Nothing to Something to Something Else*, talks about this space-time of possibility, about that interval between before and after, nothing and 'something'. It shows several teenagers deeply immersed in the precise moment of making everything and almost nothing, happen – small gestures, sounds, explorations – using the space, their will, the body and the instruments or objects around them.

Manon contributes to this process with a poetic and intrinsically honest lens (because it is faithful to the truth of the filmed moment) that gives back to the protagonists a respectful portrait of their spaces and times of creative breathing, which perhaps explains why these performing bodies are able to remain detached from the camera (and almost unaware of its presence) finding their own forms of breathing, of revealing themselves and, yet, of resisting.

When I met Manon de Boer and prepared to join her in seeking out the Portuguese youngsters who would participate in the second film of the trilogy, I didn't know exactly what we were looking for. The challenge was simultaneously simple and complex: selecting teenagers for an exercise in improvisation and exploration, involving music, movement and dance, with the aim of creating a film about the processes of creation. It was

e curadoria de exposições, num papel que não costuma desempenhar: partilhar o lugar da génese do objeto artístico e não apenas o da sua leitura e mediação.

Na sequência do filme anterior, *Bella, Maia and Nick* (2018), realizado pela artista na Cornualha com jovens estudantes de música, o projeto de Lisboa procurava decidir se o rumo da trilogia se manteria na exploração do universo da música e do som ou se enveredaria por outro campo caro à artista: a dança e o movimento. Para Manon, este segundo filme era ainda um momento de incerteza, à espera de encontrar o estímulo que ajudasse a definir o caminho a seguir. Era um espaço em aberto, tal como os processos sobre os quais incide a sua obra.

Tanto a música como a dança são manifestações artísticas nas quais a perceção da criação, esse tal tempo entre nada e «alguma coisa», se pode tornar visível. Há um antes (silêncio, imobilidade) e um depois (som, movimento); entre ambos, há um tempo imenso, um intervalo de pura exploração e descoberta, um exercício de ensaio-erro. E é este jogo de possibilidades que se faz visível – e que dessa forma se pode registar em filme – que constitui o campo de ensaio da artista.

A dança e a música são também áreas de profunda disciplina do corpo, de insistência, de repetição, de aprendizagem exigente; com este projeto, procurava-se desconstruir esse exercício de autodisciplina e de autorregulação, retirando a música e a dança do seu contexto formal e explorando o espaço da liberdade dos processos de autoaprendizagem fora do universo escolar – e, de certa forma, questionando os modelos de educação vigentes e promovendo uma outra reflexão crítica e poética sobre a construção dos saberes, a liberdade como condição crucial da criação, o tempo longo como o tempo da potência e da possibilidade. Não será a criatividade uma qualquer forma de indisciplina, inquieta e resistente, que opera fora dos espaços regrados e formalizados, reinventando-os?

A escolha dos jovens Caco, João, Mava e Rebecca foi um acaso feliz que determinou o rumo do segundo filme. A sua energia física, com origem nas artes circenses, na dança e na *performance*, âmbitos já de si fora do universo convencional das artes performativas, permitiu que os jovens abraçassem este espaço de possibilidade com uma concentração criativa surpreendente e ditassem a força motriz da abordagem da própria artista, que assumiu desde logo este segundo momento como uma zona de risco, de descoberta e de experimentação. A câmara de Manon tornou-se mais próxima, seguindo os jovens em longas sequências individuais, incorporando

also the first time that the Calouste Gulbenkian Museum's education team co-produced an artistic project with the programming and curatorial teams, in a role that presented a new and exciting challenge: sharing the artistic object's moment of creation and not just that of its interpretation and mediation.

Following the previous film, *Bella, Maia and Nick* (2018), created by the artist in Cornwall with young music students, the Lisbon project sought to decide whether the direction of the trilogy would continue the exploration of the world of music and sound or whether it would explore another creative field close to the artist's heart: dance and movement. For Manon, this second film represented a moment of fruitful uncertainty, of waiting to find the stimulus to help define the path to follow. It was an open space, like the processes on which her work focuses.

Both music and dance are artistic manifestations in which the perception of creation, that time between nothing and 'something,' can be made visible. There is a before (silence, stillness) and an after (sound, movement); between both, there is a very long time, an interval of pure exploration and discovery, an exercise in trial and error. And it is that game of possibilities made visible – which can be recorded on film – that constitutes the artist's testing ground.

Dance and music are also areas of strict bodily discipline, of insistence, of repetition, of exigence; this project sought to deconstruct that exercise of self-discipline and self-regulation, taking music and dance away from their formal context and exploring the freed processes of self-learning outside the school environment – and, to an extent, questioning the educational models in place and promoting another critical and poetic reflection on knowledge-building, on freedom as a crucial condition for creation, on that long time as a time of potency and of possibility. Isn't creativity just a form of indiscipline, restless and resistant, that operates outside the orderly and formalised spaces, reinventing them?

The choice of the youngsters Caco, João, Mava and Rebecca was a happy coincidence that determined the course of the second film. Their physical energy and backgrounds in the circus arts, dance and performance, practices already outside the conventional world of the performing arts, allowed the youngsters to embrace this space of possibility with a surprising creative concentration and to dictate the driving force of the approach adopted by the artist, who from

o som do exterior na ação que se passava dentro da sala e dentro dos corpos, desenhando um retrato individual de cada um dos protagonistas sem nunca deixar de fora a presença dos outros, dos seus sons, dos seus movimentos.

Foram dois dias intensos de chuva e vento. Na cantina da Fundação (já de si um lugar pouco convencional para a prática artística) imperava o silêncio, dando espaço ao som dos corpos que se sentavam, levantavam, deslizavam, deslocavam móveis, exploravam ritmos com as palmas das mãos, com os nós dos dedos, com o arrastar dos pés. Primeiro, em trajetórias puramente individuais, como se cada um precisasse de se entregar a si próprio para o exercício fluir; depois, com momentos de interseção, choques não intencionais, diálogos de gestos em grupo ou em dueto, risos, cumplicidade, numa sucessão permanente de acontecimentos que rompia com a inatividade ou a reforçava, ou ainda que a transformava noutra coisa qualquer. Cada um dos protagonistas trouxe toda a sua verdade para o exercício da possibilidade – iniciando, parando, aborrecendo-se, tentando novamente, crescendo com o processo de fazer acontecer, de fazer nascer, de propor alguma coisa ou coisa nenhuma, habitando um tempo em aberto e um chão temporariamente comum.

O resultado final é um filme poderoso que exige tempo e respiração (como, aliás, o próprio processo criativo). Quando o viram pela primeira vez, os jovens encontraram versões conhecidas e desconhecidas de si mesmos. Viram-se maduros, maiores, concentrados num tempo dilatado do qual não tinham consciência no momento, habituados que estão à voragem dos dias. Foi como se a lente de Manon lhes devolvesse uma versão aumentada de si próprios e dos seus processos; foi como se, afinal, fosse possível ver o processo invisível e interior que está presente nesse intervalo suspenso entre nada e alguma coisa.

Depois deste chão comum composto pela teia de cumplicidades que se desenham nos grupos que habitam o mesmo espaço durante longos períodos de tempo, *Oumi*, o terceiro e último filme desta viagem em três tempos, só poderia ser um momento individual, mais curto e intimista. Trata-se de outro retrato profundamente respeitador do espaço da decisão criativa de fazer e desfazer, de construir e desconstruir, no qual a câmara volta aos planos longos e de pormenor, acentuando o tempo que se estende e se dilata num equilíbrio por vezes tenso entre a liberdade e a resistência.

the outset saw this second moment as an area of experimentation. Manon's camera moved closer, following the youngsters through long individual sequences, incorporating external sounds with the action taking place inside the room and inside the bodies, drawing an individual portrait for each of the protagonists without ever omitting the presence of the others, their sounds, their movements.

These were two intense days of rain and wind. In the Foundation's canteen (in itself a rather unconventional place for artistic practice), silence prevailed, giving space to the sound of bodies sitting, standing up, sliding, moving furniture, exploring rhythms with hand-claps, with knuckles, with shuffling feet. Initially, this came in the form of purely individual trajectories, as if each participant needed to surrender themselves for the exercise to flow; then, with moments of intersection, unintentional collisions, gestural dialogues in groups or pairs, laughter, complicity, came a constant succession of happenings that broke the inactivity or reinforced it, or even transformed it into something else. Each of the protagonists brought their whole truth to this exercise of possibility – starting, stopping, getting bored, trying again, growing with the process of making something happen, of creating, of proposing something or nothing, inhabiting an open time and a temporarily common ground.

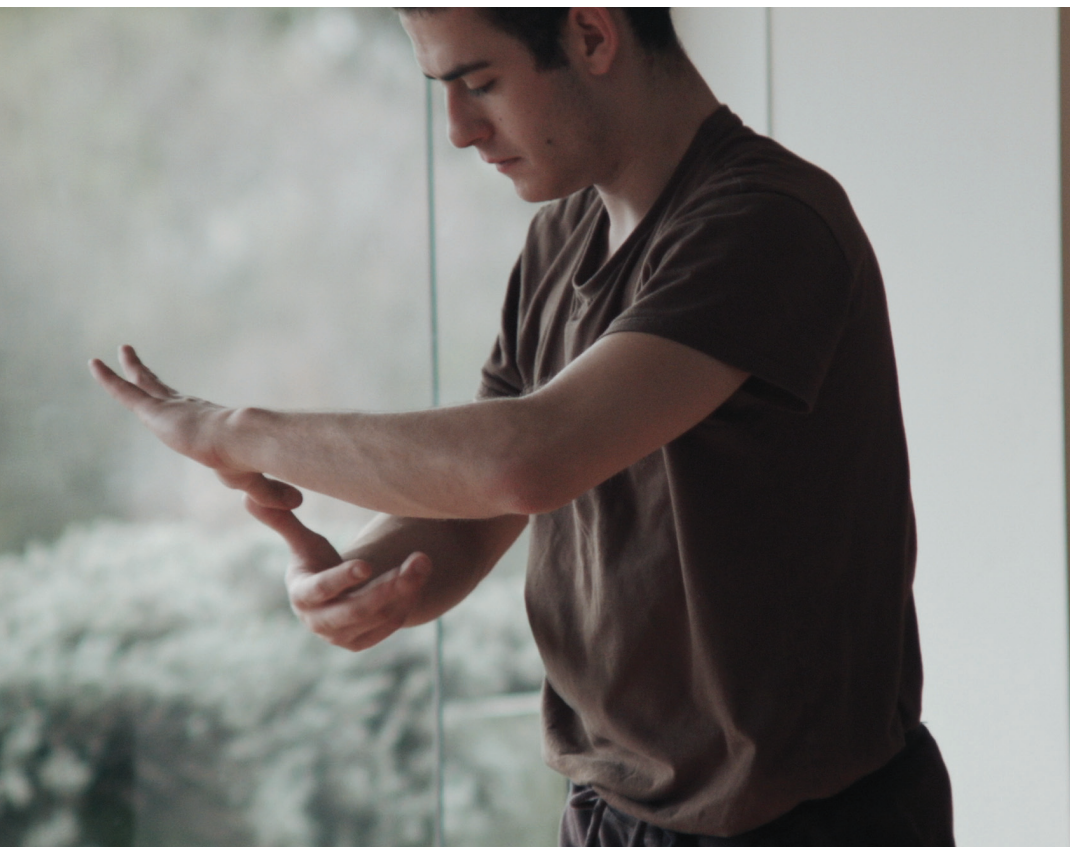
The final result is a powerful film that demands time and breathing (like the creative process itself). When they saw it for the first time, the youngsters encountered known and unknown versions of themselves. They saw themselves as mature, older, focused on an extended period of which they had no awareness at the time, accustomed as they are to the everyday maelstrom. It was as though Manon's lens gave them a magnified version of themselves and their processes; it was as though, finally, it was possible to see the invisible and internal process that is present in that interval suspended between nothing and something.

After this common ground, formed of the web of complicities created by groups that inhabit the same space for long periods of time, *Oumi*, the third and final film of this journey through three time periods, could only be an individual moment, shorter and more intimate. It is another profoundly respectful portrait of the creative decision, to construct and deconstruct, which the camera reveals with long shots and close-ups, accentuating the time that stretches out in the sometimes tense equilibrium between freedom and resistance.

Caco, João, Mava and Rebecca
Vídeo HD, cor, 16:9, sem diálogo, Portugal/Bélgica, 2019, 49'
HD video, colour, 16:9, no dialogue, PT/BE, 2019, 49'
Cortesia | Courtesy Jan Mot, Brussels



Caco, João, Mava and Rebecca
Vídeo HD, cor, 16:9, sem diálogo, Portugal/Bélgica, 2019, 49'
HD video, colour, 16:9, no dialogue, PT/BE, 2019, 49'
Cortesia | Courtesy Jan Mot, Brussels





Oumi
Vídeo HD, cor, 16:9, sem diálogo, Espanha/Bélgica, 2019, 15'
HD video, colour, 16:9, no dialogue, ES/BE, 2019, 15'
Cortesia | Courtesy Jan Mot, Brussels



BIOGRAFIA

Manon de Boer (Kodaikanal, Índia, 1966) vive e trabalha em Bruxelas, onde ensina na École de recherche graphique. O seu trabalho tem sido regularmente apresentado em festivais de cinema, em mostras internacionais, como a Bienal de Veneza (2007), a Bienal de Berlim (2008), a Bienal de São Paulo (2010) e a Documenta (2012), e em exposições individuais, organizadas pelo Witte de With em Roterdão e no Frankfurter Kunstverein (2008), na South London Gallery (2010), no Contemporary Art Museum of St Louis (2011), no Museum of Art Philadelphia (2012), no Van Abbe Museum (2013), no Secession Vienna (2016) e no Groundwork (2018), entre outras.

BIOGRAPHY

Manon de Boer (Kodaikanal, India, 1966) lives and works in Brussels, where she currently teaches at the École de recherche graphique. Her work has been regularly shown in film festivals, in international exhibitions, such as the Venice Biennale (2007), the Berlin Biennale (2008), the São Paulo Biennale (2010) and the Documenta (2012), and in solo exhibitions organised by the Witte de With in Rotterdam and the Frankfurter Kunstverein (2008), in the South London Gallery (2010), in the Contemporary Art Museum of St Louis (2011), in the Museum of Art Philadelphia (2012), in the Van Abbe Museum (2013), in the Secession Vienna (2016) and in the Groundwork (2018), among others.

LISTA DE OBRAS LIST OF WORKS

– **BELLA, MAIA AND NICK**
Vídeo HD, cor, 16:9, sem diálogo,
Grã-Bretanha/Bélgica, 2018, 26'
HD video, colour, 16:9, no dialogue,
GB/BE, 2018, 26'

com with
Nick Frantz, Maia Roberts, Bella Stevens

cinematografia e edição de imagem
cinematography and image editing
Manon de Boer

captação, edição e mistura de som
Sound recording, editing and mix
Laszlo Umbreit

calibração de cor
colour grading
Loup Brenta at Cobalt

produção production
Teresa Gleadowe e | and Marie Logie

coproduzido por co-produced by
CAST and Auguste Orts

encomendado por commissioned by
CAST for Groundwork, 2018, in Cornwall

com o apoio de supported by
Arts Council England, Mondriaan Fund, Elephant Trust,
International Musicians Seminar, Prussia Cove, Kestle
Barton Trust, Helston Community College Music
Department, LUCA School of Arts, The School
of Film & Television, Falmouth University

cortesía courtesy
Jan Mot, Brussels

– **CACO, JOÃO, MAVA AND REBECCA**
Vídeo HD, cor, 16:9, sem diálogo,
Portugal/Bélgica, 2019, 49'
HD video, colour, 16:9, no dialogue, PT/BE, 2019, 49'

com with
Caco Lebre, João Pataco, Mava José, Rebecca Axt

cinematografia cinematography
Artur Castro Freire

cinematografia e edição de imagem
cinematography and image editing
Manon de Boer

captação, edição e mistura de som
sound recording, editing and mix
Laszlo Umbreit

assistente de câmara e de som
camera and sound assistant
Mona Convert

assistente de produção
production assistant
Leonor Azedo

calibração de cor
colour grading
Loup Brenta at Cobalt

produzido por produced by
Auguste Orts

encomendado por commissioned by
Museu Calouste Gulbenkian, Lisboa
Calouste Gulbenkian Museum, Lisbon

cortesía courtesy
Jan Mot, Brussels

– **OUMI**
Vídeo HD, cor, 16:9, sem diálogo, Espanha/Bélgica,
2019, 15'
HD video, colour, 16:9, no dialogue, ES/BE, 2019, 15'

com with
Oumi Niang

cinematografia cinematography
Artur Castro Freire

cinematografia e edição de imagem
cinematography and image editing
Manon de Boer

captação, edição e mistura de som
sound recording, editing and mix
Laszlo Umbreit

calibração de cor
colour grading
Loup Brenta at Cobalt

produzido por produced by
Auguste Orts e | and Centro de Creación Contemporánea
Matadero Madrid 2019

com o apoio de supported by
Beursschouwburg Brussels, LUCA School of Arts
e | and Friends of Auguste Orts Fund

cortesía courtesy
Jan Mot, Brussels

– **THE UNTROUBLED MIND**
16 mm transferido para digital, cor, 4:3, mudo,
2016, 7'45"
16 mm transferred to digital, colour, 4:3, silent, 2016, 7'45"

com with
Julius van Middelaar

cinematografia cinematography
Manon de Boer

produzido por produced by
Auguste Orts

cortesía courtesy
Jan Mot, Brussels

MANON DE BOER

LE
TIME
DOWN
DOWN
TIME
TEMPO DE
RESPIRAÇÃO